



Estante

O estagiário (The Intern).

Direção: Nancy Meyers.

País de origem: EUA

Ano: 2015.

Duração: 121 minutos.

É preciso postar no Instagram”. Essa é uma das afirmações pronunciadas pelo jovem (Jason) que acolhe os estagiários no início do filme e que apresenta a eles alguns hábitos do clima laboral: *“comunicação, trabalho em equipe, ninguém tem uma sala particular e não podemos perder tempo”*. O jovem, convicto desses hábitos, apresenta-os de forma unilateral em um contexto que, desde o início do filme, reconhece-se como desconhecido: estagiários idosos.

O filme retrata, inicialmente, a ruptura entre gerações, marcada não pelo embate, mas sim pela aparente desconexão. Na entrevista com o estagiário Ben Whittaker, essas desconexões aparecem. Perguntas como *“Você se lembra?”*, *“Onde você se vê daqui a 10 anos... quando tiver 80”*; o assombro pelo fato de Ben ter permanecido várias décadas no mesmo emprego, entre outras questões. Tais desconexões expressam, por parte da geração jovem, certos medos de compreender a velhice e os idosos.

Ainda que explicita essa desconexão, o filme demonstra a ideia criativa da geração jovem de implementar um projeto inovador de contratar estagiários¹ e, por outro lado, uma geração idosa que demonstra abertura e acolhe essa ideia. *“Estou aqui para aprender sobre o seu mundo”* e *“Um admirável mundo novo, pensei entrar e ver*

1 Um projeto de estagiário para idosos é uma ótima dica não somente para empresas.

como era” são afirmações do estagiário Bem, as quais registram a necessidade das gerações aprenderem umas com as outras.

A relação entre a jovem empresária Jules Ostin e o estagiário Ben costura esta conexão intergeracional. Jules, mesmo se destacando pelo seu sucesso, não consegue olhar para esse projeto de estagiários idosos para além de um projeto pseudo solidário que precisa fazer, mas que com tantas tarefas espera que não demore muito a concluir.

A costura do diálogo entre os estagiários e de Ben com Jules tece na comédia e drama do filme exemplos de como a conexão entre as gerações faz bem, possibilitando uma relação de ajuda que marca as vidas das personagens. A convivência entre os novos estagiários, marcada por várias anedotas como a de como ligar o novo computador, a percepção de admirar a qualidade do que parece antiquado (a mala de Ben), o significado do uso do lenço (que simbolicamente expressa o choque cultural: *“sua geração não saber disso é um crime”*), entre outros exemplos.

Cabe ressaltar a comemoração com os estagiários, na qual Jules expressa seu agradecimento a eles por a terem salvado do envio de um e-mail por engano para a sua mãe: *“Olhem o Ben. Uma raça em extinção. Olhem e aprendam”*. Um detalhe, nesse contexto, é o fato de ela acreditar que sabe tudo sobre a casa dos seus pais (o que se revela insustentável no disparo do alarme). Nessas entrelinhas, o filme aponta a constante necessidade de se desconstruir o que pensamos e acreditamos, questionando o “normal” que definimos e indicando a importância da abertura, da acolhida e do diálogo que prescindimos para viver.

A dupla abertura entre a empresária e o estagiário é marcada por trocas: Jules admira a trajetória, a memória e o pertencimento de Bem, quando descobre que ele já trabalhou no mesmo local de trabalho atual. Ela é surpreendida pelas ações impen-sáveis (para ela) que o idoso Ben protagoniza e que lhe trazem tranquilidade na sua vida atarefada. Já Ben se surpreende pelo jeito e pelos valores sociais e culturais de Jules, pela sua criatividade e empreendimento atípico (para ele) de sucesso. E, claro a marca simbólica do início de uma nova possibilidade de amizade: *“Parabéns, você faz oficialmente parte da geração facebook”*.

O reconhecimento de Ben para as novas coisas “legais” como um trabalho bem feito (exemplo da massagem) ou o fato de perceber que as listas telefônicas às quais dedicou a sua atividade profissional já não têm mais serventia, também demonstram como a mudança de conexão entre as gerações precisa ser um movimento recíproco. Esse é um dos ensinamentos do filme.

O estagiário resulta em um filme que questiona quem assiste para a solidariedade entre as gerações, mostrando os benefícios que essas trocas podem trazer para viver melhor. As aproximações à “nossa cultura” (que por vezes ignoramos) ampliam as possibilidades de orientação cultural, de sentido e significado que nos permitem fortalecer a nossa identidade social.

O filme mostra que a amizade entre as gerações não se limita à experiência de letramento digital e reconhece as possibilidades que as ferramentas tecnológicas e as redes sociais podem oferecer para esses vínculos. Enfim, poder-se-ia concluir que a vida é muito mais antiga que as idades dos jovens e dos idosos de hoje. Aprendamos com isso!

HUMBERTO SILVANO HERRERA CONTRERAS

Filósofo e pedagogo. Mestre e doutorando em Educação. Professor universitário na Faculdade Padre João Bagozzi. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social da UEPG. Assessor da área de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da SM Educação.

Contato: htoherrerc@gmail.com